Anedota Búlgara: Uma experiência de leitura

Sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade

Zulmira Ribeiro Tavares
Escritora

Cheguei a Drummond com atraso, se minha leitura for vista ao lado de outras de geração. De início bati na porta errada. Minha compreensão de poesia passava na ocasião por uma musicalidade ostensiva das linhas. Essas, precisariam ter uma cantigazinha qualquer correndo ou se torcendo por dentro do corpo verbal, e os encontros sonoros deveriam ser claros e evidentes, assim mais ou menos como os de címbalos em uma sinfônica. Seja como for, o começo deu-se por *Morte das Casas de Ouro Preto*. Porta errada porque no poema estive atenta principalmente ao que nele funcionava de forma óbvia, e elegi logo nessa primeira leitura, como arremate fulgurante, sua parte final – e para mim, então, "mestra" – na qual a rima de "forte" com "morte" unia no mesmo "mistério" "morte" e "amor"

A leitura do poeta andou nesse compasso por muito tempo. Separava (ignorava) um certo Drummond, o primeiro, coloquial, que retirava das inumeráveis vozes de uma miúda e solta conversação mineira interiorana, seu tom modernista (não muito), daquele outro que me atingia.

Aos poucos porém, sem me dar conta do processo, fui descobrindo o poeta Drummond, as várias fases de sua obra. A gênese dos poemas podia ser a mais variada: percepção do intrincado e quebrado da existência, retratos plenos de paisagem familiar ou espaço público, ou político, estampados claramente na memória e ainda assim sem ponto de fuga determinado. Pude perceber a riqueza das formas narrativas simples, seu encadeamento, agora surpreendente, de rimas, assonâncias, como em *Caso do Vestido*: ou a

exclusão de qualquer recurso do tipo em *A Morte de Neco Andrade*, texto no qual a forma poética nasce a partir de diferentes cenas povoando um palco dentro do qual, outro, menor, orienta o sentido da leitura.

Finalmente, o que até então tomara como simples traços de humorismo ou nostalgia animando construções menores, ganha novo sentido. Por outro lado, poemas muito queridos como *Tarde de Maio* restam até certo ponto esvaziados depois de tanta leitura. O brilho de um patos original, certa cadência "nobre", única – interessam menos e chegam a importunar. Ganha-se então consciência de uma alternância de juízos de gosto, ora recuperando um poema quase esquecido, ora aproximando algum antes pouco notado, ora confirmando antigas predileções como: *Um Boi vê os Homens, Campo Chinês e Sono*, e quantos mais. Ora sempre pensando (e adiando) o projeto de análise do poema *Equívoco*. Nele há humor e vivacidade, uma entonação feroz disfarça-se em acento de tristeza ou regozijo – uma historinha simples de velho com netos. E logo no início um vocábulo, o qual, mesmo distante de tudo o que há de inesperado no texto, parece decididamente estar fora dele, exceder-se, não ter propósito. "Tias", seria de fato isso o que o poeta teria querido dizer? Ou seria "tílias", talvez? O mais provável, "tilhas" E se de fato erro houve de impressão, ah, pensar essas impenetráveis "tias" perpetuando-se nas sucessivas edições da obra.

Daí, repassando uma tão grande gama de acentos de leitura, na qual enigmas editoriais mesclam-se aos de estilo e sentido, descobre-se que tudo ocorre (com desconfianças fundamentadas ou não) porque a obra do poeta vem a ser, naturalmente, um mundo. E compreende-se porque certo Drummond apenas habilidoso, ou levemente copiado de si próprio, ou um pouco complacente etc., não aborrece o quanto devia. Pois em sua ampla produção acertos e erros de escrita e de vida tendem a se fazer de um; e assim se deve aproximar para exame essa matéria menor, incorporando-a ao todo. De forma crítica, certamente, mas tendo-a como parte, instrumento para estudo da melhor poesia. Deixar-se levar o leitor pela circularidade vasta de um tal mundo, procurar assimilar o mais possível o seu contorno.

Onde há surpresas:

Podem elas vir de um pequeno poema, jamais lido, ou nunca lido com olhos e atenção amarrados. O título: *Anedota Búlgara*, (do livro *Alguma*

ético na moldura indiferente de uma história natural que não o tem como escopo; de uma fábula que se afasta da realidade imediata para criar uma historieta exemplar às avessas; e por fim de uma anedota que reforça um de seus aspectos corriqueiros, o de provocar o riso pela crueldade. Resguarda a anedota em um espaço de lazer, nela as atrocidades enunciadas (preconceitos e brutalidade de toda espécie) perdem o seu peso de realidade e levitam com a graça do jogo social. Sem esquecer que o termo anedota designa também algum episódio curioso ocorrido com figura pública ou pertencente à crônica familiar, o que imprime ainda ao pequeno texto de Drummond o caráter singelo de um simples relato revelador, no máximo, de esquisitices.

A despeito de sua bela e inteligente configuração, não alinho o poema entre os maiores que o poeta produziu. Mas penso que, para além das qualidades mencionadas indica – em obra difícil de ser apreendida como um todo – as surpresas de um percurso de leitura e a diversidade dos juízos que suscita.

E por vezes a feição levemente intrigante que assume produção tão extensa, na qual o acento familiar recorrente parece ter sido colhido longe, em outro chão (fora de uma experiência comum e língua partilhada), retoma, com seu peculiar estranhamento e por outros caminhos, a pequena "anedota búlgara"